

Antônio Angelitino Martins, um Poeta da Boêmia dos Novos

Joaryvar Macêdo

Quase ignorado e, sobretudo no esquecimento, tem permanecido o poeta cearense Antônio Angelitino Martins. Apenas raríssimas e insignificantes linhas se têm escrito sobre essa figura das letras coestaduanas, sendo, por isso, muito sucintas as escassas notícias a seu respeito.

Ao que parece, foi Dolor Barreira, em sua monumental *História da Literatura Cearense*, na qual apresentou surpreendentes resultados das mais exaustivas pesquisas que já se fizeram sobre autores conterrâneos, quem melhor falou a respeito dele, apesar de lhe haver dedicado apenas oito linhas de comentário.

Evocamos, assim, nesta oportunidade, esse poeta despercebido, cujo centenário de nascimento se aproxima.

Antônio Angelitino Martins, de quem o nome completo era mesmo Antônio Angelitino Martins de Jesus, viu a luz do dia em terras caririenses, no município de Missão Velha, aos 11 de janeiro de 1881. Nasceu da união do Padre Manuel Antônio Martins de Jesus com Joaquina Maria de Jesus, com quem o sacerdote viveu maritalmente. Desse concubinato provieram cinco rebentos, sendo Antônio Angelitino o quarto, em ordem cronológica.

Seu pai, ungido presbítero em 1864, era um daqueles padres desbragados, entre tantos outros, que levaram vida irregular, em nossos sertões de outrora. Nada obstante, prestou bons serviços à Igreja, tanto no Ceará, onde foi vigário de Canindé e capelão do templo do Bom Jesus dos Aflitos do Caldas, no município de Barbalha, como no Pernambuco, onde parouquiu Belmonte e Salgueiro. Militando na política, fez-se prestigioso, chegando, inclusive, a tomar assento na

Assembléa Provincial Cearense. A companheira, antes de com ele coabitar, fora matrimoniada com Martiniano Alves de Alencar, de quem se separou, conforme declarou o padre em testamento, através do qual, legitimou os filhos e os instituiu seus herdeiros universais.

Bastante novo ainda, Antônio Angelitino deixou o seio de sua parentela, no Cariri, após haver cursado o Seminário São José, da Cidade do Crato, ao tempo do reitorado do então Padre Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva (1893-1897). Transferiu-se para Fortaleza, onde secretariou a Capitania do Porto. Posteriormente, mudou-se, ainda solteiro, para o Amazonas. A partir de então, pouco se sabe sobre sua vida. Segundo informações de sua irmã, Rita Angelitina Martins de Jesus, vulgo Ritinha Fidélis, falecida em Barbalha, há poucos anos, quase nonagenária, fixou-se ele em Tefé, onde contraiu núpcias, e faleceu, deixando descendência ali.

À época da permanência de Antônio Angelitino Martins em Fortaleza, o ambiente da Capital era dos mais propícios ao desenvolvimento dos pendores para as letras e artes. Não por falta de obstáculos a quantos se propunham à atividade literária ou artística, mas pelo florescimento de importantes agremiações, quase todas de duração efêmera, entretanto de decisiva influência na vida intelectual cearense. De fato, conforme assegura Otacílio Colares, no Ceará, “até bem poucos anos, o escritor, mesmo sentindo-se vocacionalmente tal, encontrava tantos empecos e tanta displicência em torno de si que, não fora sua índole gregária, que o integrasse a esse ou aquele grupo, o seu aparecimento isolado só ocorreria como por milagre”. Acrescenta o mesmo autor, referindo-se ao ambiente da Fortaleza de a partir de 1880, que a Capital era “agitada literária e artisticamente pelos grupos subseqüentes ou coincidentes, desde o Clube Literário (1887) até a Padaria Espiritual (1892), do Centro Literário (1894) à Academia Cearense (1894), à Iracema Literária e à Boêmia Literária (ambas de 1899) e à Boêmia dos Novos, de 1903”.

Nessas sociedades de letras, revelaram-se valores autênticos que as encheram de mérito e de glória. No asserto de Sânzio de Azevedo, quanto a antigas instituições literárias do Ceará, “não poucas congregaram nomes de peso, e deixaram obras que enriqueceram nosso patrimônio bibliográfico...”

Foi na Boêmia dos Novos, fundada em 1903, que se engajou Antônio Angelitino Martins, encontrando, destarte, o clima favorável ao desabrochar do seu estro e a sua integração na vida intelectual cearense.

A Boêmia dos Novos, aliás, apresenta certa controvérsia. Para uns, foi uma instituição literária. Para outros, apenas

o nome de uma revista, cujo número de estréia surgiu, em Fortaleza, em março de 1903, no dia 14, segundo Dolor Barreira, ou no dia 12, conforme o Barão de Studart. Se, realmente, se tratava de uma sociedade, o seu órgão oficial tomou-lhe o nome, como muita vez acontece. Ao parecer, era mesmo uma corporação. Disso há fortes indícios no fato de os colaboradores da revista constarem, nela, também como *associados*.

As melhores notícias acerca da revista *Boêmia dos Novos*, encontramos-las em Dolor Barreira. O seu corpo redatorial era constituído de Vicente de Arruda Gondim, Clodoveu de Arruda Coelho e B. Meira Filho. Entre os seus colaboradores e associados, figurava Antônio Angelitino Martins. Vinha a lume mensalmente, embora em dia indeterminado. Contendo produções em prosa e verso, sua circulação durou pouco mais de um ano. Américo Facó, citado por Dolor Barreira, classifica-a como "uma revista sofrível". Ressaltando, entanto, o mérito incontestável da publicação enfocada, o próprio Dolor Barreira reconhece que, mesmo "sem a riqueza das colaborações d'O Pão e da *Iracema*, que a antecederam; sem o apuro da sua forma e expressão; inferior sob esses aspectos à *Revista Acadêmica*, que lhe subseguiu, a *Boêmia dos Novos* assegurou, todavia, a continuidade nunca desmentida do nosso movimento nas letras, testemunhando, ao mesmo tempo, como a nossa mocidade era infensa ao marasmo ou à estagnação nas coisas do espírito, mas, ao contrário, toda se agitava e expandia sempre que deparava meio de trabalhar pelo seu engrandecimento e esplendor".

O referido autor, ainda tecendo comentários sobre a *Boêmia dos Novos*, destaca os sonetos mais estimáveis, entre eles, da lavra de Antônio Angelitino Martins, estampados no mencionado periódico. Assim, na *Boêmia dos Novos* (sociedade e/ou revista), que o abrigou em seu seio, ao jovem caririense, chegado a Fortaleza, havia pouco, egresso do fundo do sertão, deparou-se o terreno próprio para a floração do seu talento. Efetivamente, nesse grupo de trabalho, encontrou guarida, com a conseqüente expansão, o estro desse moço, nato e criado em recanto do Ceará, o mais distante da Capital.

Naquele mesmo ano de 1903, o do início da circulação da *Boêmia dos Novos*, e quando o poeta completava apenas vinte e dois anos de idade, vinha a lume a obra, porventura única, de sua autoria, intitulada *Estações*, "um conjunto de sonetos elaborados com um certo cuidado e inspiração". Bem o demonstram os dois, que se seguem, um decassílabo, e outro alexandrino, ambos repassados de intenso lirismo.

TEU OLHAR

Na ânsia febril de uma paixão fremente,
Cantei-te a grega e artística escultura,
Mas já não sou o sonhador contente,
Escravo desse olhar que me tortura.

Se sentisses o que meu peito sente,
Sofrerias com ele esta amargura
E havias de abençoar a Lira ardente,
Que te decanta em hinos de ventura.

E o teu olhar não vê tanta tristeza,
Tanto amor que te segue, tanta crença
A te sentir em toda a natureza! . . .

Triste ideal que morres esquecido,
Eu não terei, jamais, na estrada imensa
O belo sol do teu olhar fingido . . .

MAR EM FORA

Eu leio em teu semblante alguma coisa triste,
E em teu olhar encontro um raio de esperança,
E não sabes, talvez, que alguém na vida existe
Escravo desse olhar, que de o seguir não cansa.

Neste oceano do amor, meu barco, eterno, avança,
Velas ao sol gemendo, e o barco mais persiste.
Levo-o cheio de crença, almejando a bonança,
Vendo que só em ti é que a bonança existe.

Marinheiros de tantos temporais batido,
Não temo da procela a voz aterradora;
Sou forte, e amo-te, e o amor não me fará vencido.

Belo rosto, que eu canto, excelsa poesia,
Olhos que sois o céu desta alma sonhadora,
Terra Santa que eu busco, hei de encontrar-te um
dia

Constata-se, pelas amostras, que o poeta estreante não estava ainda à altura de vãos muito elevados de concepção, mas dispunha de facilidade na arte de versejar, sendo portador da verdadeira vocação para a poesia.

Se não conseguiu ele construir sua glória literária, há de se reconhecer, no entanto, em Antônio Angelitino Martins, um poeta capaz de dar, a contento, o seu recado, compondo

belos poemas, com limpidez de linguagem, e de razoável cinzeladura, dentro do espaço histórico, social e cultural em que atuou nas letras. Conhecedor das técnicas poéticas do seu tempo, se não logrou abarcar dimensões completas, provou sua aptidão para colocar as suas disponibilidades líricas a serviço da poesia, e contribuiu para o bom andamento da literatura poética cearense do começo do atual século.

BIBLIOGRAFIA

- Barão de Studart — **Datas e Fatos para a História do Ceará — Ceará Estado**, Tip. Comercial, Fortaleza-Ceará, 1924.
- Colares, Otacílio — **Lembrados e Esquecidos**, III, Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-Ceará, 1977.
- Azevedo, Sânzio de — **Literatura Cearense**, publicação da Academia Cearense de Letras, Fortaleza, 1976.
- Martins Filho, Antônio e Girão, Raimundo — **O Ceará**, 3.^a edição, Editora Instituto do Ceará Limitada, 1966.
- Barreira, Dolor — **História da Literatura Cearense**, 2.^o tomo, I parte, Editora Instituto do Ceará Limitada, 1951.
- Álbum Histórico do Seminário Episcopal do Crato** — Tip. Revista dos Tribunais, Rio de Janeiro, 1925.
- Testamento do Padre Manuel Antônio Martins de Jesus** — Arquivo do Primeiro Cartório de Missão Velha-Ceará, 1890.